

Os prados de Adélia: considerações sobre o cotidiano e a educação

Wesley Adriano Martins Dourado¹

Resumo: Esta reflexão destaca o cotidiano, presente na obra de Adélia Prado, como o solo de onde germinam as poesias e prosas da poetisa, desde os seus primeiros escritos até o seu último livro de poesia. Ao fazê-lo se pretende insistir nas ponderações sobre as implicações de pensar a educação, a formação e o exercício da docência desde o cotidiano.

Palavras Chave: Cotidiano, educação, formação, docência, Adélia Prado.

Abstract: This analysis highlights daily life in the work of Adelia Prado, as the soil from which germinate poetry and prose of the poet, since her earliest writings until her last book of poetry. The article discusses the implications of her work in thinking about education, training and practice of teaching.

Keywords: Everyday, education, practice teaching, Adélia Prado.

É o que se tem: o susto com o cotidiano.

No programa Roda Viva que entrevistou Adélia Prado, em março de 2014², logo no início a poeta foi indagada pelo motivo da comoção que a sua obra causava nas pessoas, da ligação que as pessoas sentiam com sua poesia. O que Adélia pode dizer, indicando que não sabia bem responder, é que ela também era plebe, que se sentia muito povo, que gostava de gente.

Tendo indicado, na parte inicial da entrevista, que a poesia não vinha da tristeza ou da alegria, mais adiante afirmará que o detonador da sua produção poética, o que alimenta sua poesia não é nada especial a não ser o próprio susto, o próprio espanto que ela diz ter com a vida. E segue afirmando que a vida que ela tem é a vida de todo mundo, que não possui nada de diferente. O que ela tem é o cotidiano³. Aliás, defende que é sobre isto que todo o poeta fala: sobre o cotidiano, sobre a perplexidade de existir, do assombro que é existir, sobre como é muito esquisito existir. É isto o que

¹ Possui graduação em Filosofia pela Universidade Metodista de São Paulo (2000), graduação em Teologia pela Faculdade de Teologia da Igreja Metodista (1997); mestrado em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (2003) e doutorando em educação pela mesma Universidade. Atualmente é professor auxiliar da Universidade Metodista de São Paulo, coordenador do curso de filosofia desta Universidade e professor titular de filosofia da Escola Municipal de Ensino Alcina Dantas Feijão. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, filosofia, fenomenologia, filosofia do direito e filosofia latino-americana. Tem trabalhos acadêmicos publicados em eventos nacionais e internacionais, revistas e capítulos de livros tratando, em particular, das relações da fenomenologia merleau-pontyana com a educação bem como, da relação corpo-conhecimento. A relação entre filosofia, literatura e educação tem sido realizada, nos últimos anos, desde a apreciação da obra de Adélia Prado e a aproximação com a obra de Maurice Merleau-Ponty e Paulo Freire. Atua e/ou atuou, também, em cursos de graduação à distância, em particular no curso de Filosofia, Ciências Sociais, Letras e Pedagogia. É editor responsável pela revista Páginas de Filosofia (<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PF>). Atua como coordenador do subprojeto de Filosofia no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) desde 2012.

² A entrevista está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6E2afhdOogI>. Último acesso: setembro de 2016.

³ No texto A linguagem mística do cotidiano (disponível em: <http://www.jeanlauand.com/page58f.htm>; último acesso: setembro de 2016), Jean Lauand aprecia a entrevista concedida por Adélia Prado no programa Sempre Um Papo, na qual ela reafirma o cotidiano como o que a gente tem, a partir do qual se revela a beleza a metafísica.

todo mundo tem: o atendimento às necessidades básicas da vida, o enfrentamento das paixões, das perversidades, entre outros aspectos próprios da vida ordinária.

Tratando ainda do cotidiano, a poetisa afirmará que as perguntas “de onde eu vim, para onde vou” são o desafio das religiões, da filosofia e da poesia, o que as aproxima entre si e, inevitavelmente, do cotidiano, onde tais questões concretamente se colocam. Registre-se, também, que a proximidade entre a poesia e filosofia aparece em diferentes pensadores da tradição filosófica. Josef Pieper, tratando do filosofar como ultrapassamento do mundo cotidiano do trabalho, em particular do profundo abalo existencial que permite dar-se conta novamente da “não-conclusividade” do mundo do trabalho, considera que além da morte, do amor (Eros), da religião, a própria filosofia e a poesia podem desencadear este deslocamento. Tendo como referência Aristóteles e São Tomás dirá que a filosofia e a poesia se aproximam, pois, as duas “tem a ver com o *mirandum*, com o admirável” (2007, p. 12) Igualmente nas reflexões de Gilles Deleuze e Félix Guattari⁴ e na obra de Maurice Merleau-Ponty encontramos a referida aproximação. Aliás, na obra *Fenomenologia da Percepção*, ao tratar da noção de síntese do corpo próprio, ideia pela qual o corpo só pode ser entendido numa unidade ou num “lugar” onde se constitui uma unidade de sentido, o filósofo faz uma afirmação que indica, de algum modo, que a referida aproximação entre poesia e filosofia, se sustenta pela própria condição do corpo, posto que este, por meio da poesia, da filosofia deixa escapar o seu sentido de existir, o seu modo de ser no mundo. Diz o filósofo:

Não é ao objeto físico que o corpo pode ser comparado, mas antes à obra de arte. (...) Sabe-se que um poema, se comporta uma primeira significação, traduzível em prosa, leva no espírito do leitor uma segunda existência que o define enquanto poema. Assim como a fala significa não apenas pelas palavras, mas ainda pelo sotaque, pelo tom, pelos gestos e pela fisionomia, e assim como esse suplemento de sentido revela não mais os pensamentos daquele que fala, mas a fonte de seus pensamentos e sua maneira de ser fundamental, da mesma maneira a poesia, se por acidente é narrativa e significativa, essencialmente é uma modulação da existência (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 208-209)

Nota-se plena convergência das ideias dos filósofos com as afirmações da poetisa: é o enfrentamento das demandas da existência e o modo como vamos respondendo as suas questões, o lugar de onde brotam as perguntas, os temas, os problemas que alimentam a produção poética e filosófica⁵. Estas são expressões do modo de viver dos corpos.

Na poesia *Tabaréu* Adélia Prado traduz em verso o que acima indicamos. O universal é o enfrentamento das demandas do viver; o que coloca a vida num certo rumo (escovar o pensamento) é o desejo de bom parto, moço bom pra casar, hora boa pra nascer e morrer, portanto, o envolvimento com o cotidiano. Diz a poetisa:

⁴ Cf. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 2000, p. 13.

⁵ É importante que se registre que o co-pertencimento a que se refere Pieper, a aproximação que aqui se aceita não indica que filosofia e o poesia sejam a mesma coisa. Se o “*mirandum*” é o impulso do ato poético e filosófico a singularidade de cada uma estaria, respectivamente, “em fazer algo presente mediante figuração sensível” e “apreender a realidade em conceitos”. Cf. LAUAND, Luiz Jean. Abalo filosófico e afins. Por uma pedagogia da admiração. Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle10/23-34Jean.pdf>. Último acesso: setembro de 2016, p. 27.

Vira e mexe eu penso é numa toada só.
Fiz curso de filosofia pra escovar o pensamento,
não valeu. O mais universal a que chego
é a recepção de Nossa Senhora de Fátima
em Santo Antônio do Monte.
Duas mil pessoas com velas louvando Maria
num oco de escuro, pedindo bom parto,
moço de bom gênio pra casar,
boa hora pra nascer e morrer.
O cheiro do povo espiritado,
isso eu entendo sem desatino.
Porque, mercê de Deus, o poder que eu tenho
é de fazer poesia, quando ela insiste feito
água no fundo da mina, levantando morrinho de areia.
É quando clareia e refresca, abre sol, chove,
conforme necessidades.
Às vezes dá até de escurecer de repente
com trovoadas e raios. Não desaponta nunca.
É feito sol.
Feito amor divino. (PRADO, 2012, p. 78)

Neste texto, ao mostrar como este cotidiano se manifesta na obra de Adélia Prado, especialmente⁶ nas obras “Bagagem” de 1976 e “O coração disparado” de 1978, suas duas primeiras publicações, bem como, no seu último livro de poesia “Miserere” de 2013, ressaltar-se-á como a abertura para o cotidiano permite intuir dele a perplexidade, a complexidade de existir, acima indicada, e chegar aos grandes temas da poesia e da filosofia, bem como recoloca-los, problematiza-los no cotidiano das nossas vivências.

Esta apreciação persegue uma inquietação: o que significa pensar a educação e a formação para a docência desde o nosso cotidiano? Não é o cotidiano a própria possibilidade da educação se constituir como experiência? O sentido da educação e das práticas escolares não encontrariam no cotidiano os elementos de resignificação e de ampliação de sentido?

A referida inquietação se coloca, também desde a filosofia. Se o conhecimento do corpo só é possível por meio da vivência do próprio corpo; se, por isto mesmo, o corpo não está subordinado a uma ideia de corpo, a um pensamento do corpo – naquela perspectiva de separação de sujeito e objeto –, mas se diz, se entende desde a própria experiência do corpo ou do corpo em realidade (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 269) como pode a experiência educacional, as instituições de formação para a docência ignorarem o corpo, a vivência dos corpos nos seus processos, currículos, nas decisões didáticas e de gestão?

⁶ É importante registrar que em todas as obras de Adélia Prado o cotidiano está lá como substrato, como sustentação das suas poesias e prosas. Ao escolher as obras mais antigas e a mais recente se deseja apenas mostrar esta presença do cotidiano em toda a obra da poetisa, diante da impossibilidade de, neste texto, destacá-lo em todas as obras da autora.

O que aqui se pretende, portanto, é uma análise poético-filosófica da educação, em particular da formação para a docência.

01. O cotidiano que alimenta a poesia.

Tematizar o cotidiano desde a obra de Adélia Prado requer um esclarecimento: ela não o explica; ele não está posto como uma ideia naquele sentido de um conceito que pretende ser sustentado apenas por sua lógica interna; antes, está implicado nas narrativas das prosas, nos versos das poesias e nas muitas descrições do modo como as pessoas vivem, lidam com os desafios familiares, com as demandas do trabalho, com o adoecimento do corpo, seu envelhecimento, a desigualdade objetiva, o desrespeito à mulher, o descuido com as crianças, a gula, a enchente, as paixões, os amores, os desejos etc.

De algum modo, a obra da poeta se parece com o exercício fenomenológico de descrição do mundo, de retorno às coisas mesmas (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 03), de reconhecimento que o mundo está lá antes da nossa análise (p. 05), que a nossa admiração se dá diante do mundo, que a nossa reflexão não se retira do mundo, mas transcende na direção dele (p. 10).

É esta disponibilidade para o mundo, tal como nós o vivemos, o que se encontra na obra de Adélia Prado e, por isto, mesmo a diversidade de formas de ser e habitar, contraditórias por vezes, aparecem nos seus versos e prosas. Não é uma explicação do cotidiano, não é uma problematização sistemática do viver das pessoas o que se encontra, mas um relato de como, por meio do próprio existir da poeta, percebe-se o modo de viver das pessoas e como elas dão sentido ao existir, convivem com as contradições, reinventam o sentido de viver, transformam o seu modo de viver ou num certo jeito de viver se resignam.

Trata-se, portanto, de indicar o envolvimento da poetisa e sua obra com o seu mundo que, neste caso, é explicitamente assumido. Trata-se da abertura para o mundo, da ausência de temor em ser afetado pelo mundo e pelos outros corpos. Trata-se, ainda de assumir, em termos fenomenológicos, que a nossa fala, a nossa reflexão é sobre o mundo, se constitui voltada para o mundo, que a nossa consciência sempre remete ao mundo, posto que sempre é consciência de algo. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 15)

A insistência em chamar a atenção para o cotidiano que exala da obra da poeta se justifica, posto que ele é sistematicamente ignorado ou reputado como lugar impróprio para a construção de conhecimento, para a organização da vida, para as decisões éticas. Por isto mesmo, admirá-lo, estar disponível para ser tocado por ele é igualmente desprezado. O hábito toma o conhecimento como algo dado e desprovido de mundo. É esta a crítica da fenomenologia à ciência: ela é “expressão segunda” do mundo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 03) de um mundo de vivência, de sentido sobre o qual também repousa a produção poética.

É justamente a presença viva do cotidiano na obra de Adélia Prado que fez Affonso Romano de Sant’Anna escrever, no prefácio da obra da poeta “O coração disparado”, o que segue:

Adélia, percebia-se, tinha feito suas leituras, transparecia uma coisa de Guimarães Rosa outra de Drummond, mas estava falando definitivamente na primeira pessoa. Assistente de história da filosofia

de Divinópolis, na hora de escrever não filosofava⁷, seguia aquele conselho de Mário, caía de quatro, com todas as vísceras no chão. Vários poemas me comoveram. Falei com Marina. Não aguentei e telefonei para o Drummond: Mestre, acaba de aparecer uma poetisa no interior de Minas. (PRADO, 1978, p. 07-08)

Esta coragem de cair de quatro diante do mundo, de debruçar-se sobre as vivências, eis a singularidade da obra da poeta. E é esta disponibilidade de flexionar-se de novo sobre o que se vive que faz que a obra de Adélia Prado cumpra o papel, recomendado pela fenomenologia, de descrever o mundo e, ao fazê-lo, permite reaparecer a efervescência do viver, as sutilezas do cotidiano que sustentam os complexos discursos e teorias sobre o mundo, a vida e os corpos.

É o que também afirma Affonso Romano quando escreve:

Há dias me ocorreu uma observação. Onde está a família do poeta brasileiro? Aliás, onde está a família dos escritores e artistas em geral? Onde está a mulher e onde está o marido? Existem? O que vemos são muitas noivas e noivos, amantes, muitas. Mas cadê a casa, amor, esposa, cadê esse mundo burguês que a maioria de nós coabita? De repente, me parece que Adélia é a primeira poetisa brasileira que tem marido e filhos, que cuida da casa, tira poeira, traz legumes da horta e tem alucinações eróticas. Na poesia, em geral, o que há é a descrição da família anterior do poeta: a mãe, que morreu e era uma santa; pai também morto, que era um forte. A família é uma ausência. O poeta está preocupado com grandes temas: o povo, o futuro da sociedade e o futuro da poesia. O poeta surge usualmente como o des-família, o homem-filha. Em Adélia também tem pai e mãe. Mas sobretudo tem lá o marido, a casa, seu corpo e sua relação mística e erótica com sua comunidade. (PRADO, 1978, p. 13)

Deste modo, o que aqui se quer destacar quando se fala em cotidiano, é esta disponibilidade para o mundo, está coragem de estar aberto ao mundo, está sensibilidade para contemplar o já sabido, o já visto, o já vivido.

Como já se indicou, as obras que dão base para esta reflexão, foram selecionadas numa tentativa, simbólica, de indicar que na obra da poeta, do início ao fim, este compromisso com o que se vive está posto.

Para entrar nos referidos textos ter-se-á como chave o espanto, a admiração. Mostrar-se-á como tais temas aparecem nas obras indicadas, dando especial destaque para a implicação deles com o cotidiano, aquele da poeta, da memória da poeta.

1.1 O espanto, a admiração

Se a poetisa reconhece que o cotidiano é o solo comum da obra filosófica e poética, o espanto e a admiração do mundo, deste cotidiano, é outro elemento a destacar, posto que é diante dele que a experiência da admiração se apresenta. A

⁷ Seguramente não filosofava enquanto uma referência a um exercício de reflexão que se faz a partir da reflexão, da tradição filosófica, apenas, de uma ignorância do mundo, que toma o mundo tão somente como metáfora para a explicação do conceito.

própria Adélia fala em “miração”⁸ do mundo. A admiração do mundo, novamente, não implica num distanciamento, mas evoca um sujeito que transcende na direção do mundo, tal como já se indicou anteriormente.

Todavia, esta “miração” do mundo não supõe ter apreendido o mundo todo, de modo que está sempre posto o convite para (ad)mirar novamente, para deixar-se espantar com o mundo. Isto se aplica à obra poética, bem como à própria filosofia que, numa inspiração fenomenológica, precisa se reconhecer “como experiência renovada de seu próprio começo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 11). Como diz Pieper “o que se admira é alguém que se põe a caminho. À admiração pertence tanto que o homem silencie pasmado por um instante como se ponha à procura”. (2007, p. 46)

O poema *Antes do nome*, do livro **A Bagagem**, é o primeiro que remete a esta experiência do espanto e da admiração, com um detalhe importante: esta experiência desestabiliza, mas permite alcançar coisas mais graves, mais profundas, à semelhança do convite da fenomenologia para o retorno às coisas mesmas, que exige o esforço metodológico de suspensão do que tomamos como sabido, para escapar do disfarce da palavra e alcançar o mundo novamente. Esta experiência, ao mesmo tempo, não pode ser fabricada. O susto vive quem está desejoso do esplêndido sem poder, todavia, forjá-lo. É ele o solo de onde surge o que a poetisa chama de sintaxe, este arranjo de sentido que serve de muleta, de apoio para o existir.

Quando Josef Pieper afirma que a admiração é o princípio do filosofar – entendendo por princípio a “origem interna e permanente” (2007, p. 45) – defende que há nela algo de negativo e positivo, sendo que o elemento negativo é exatamente o não saber. Deste modo, “quem se admira não sabe; ou não sabe perfeitamente, não compreende. Quem compreende não se admira” (p. 45-46)

No poema que segue isto está posto em verso quando afirma “quem entender a linguagem entende Deus cujo Filho é Verbo. Morre quem entender”. Só se assustará, só admirará quem não entende, quem seguir, de algum modo, sem compreender diante do esplêndido caos. Quem tudo compreende é Deus, o que sabe tudo e, por isto mesmo, não se admira. (p. 47)

Não me importa a palavra, esta corriqueira.
Quero é o esplêndido caos de onde emerge a sintaxe,
os sítios escuros onde nasce o ‘de’, o ‘aliás’,
o ‘o’, o ‘porém’ e o ‘que’, esta incompreensível
muleta que me apoia.
Quem entender a linguagem entende Deus
cujo Filho é Verbo. Morre quem entender.
A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda,
foi inventada para ser calada.
Em momentos de graça, infrequentíssimos,
se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão.
Puro susto e terror. (PRADO, 2012, p. 20)

⁸ Cf. LAUAND, Jean. Poesia e Filosofia – Entrevista com Adélia Prado. Disponível em: <http://www.hottopos.com.br/videtur9/renlaoan.htm>. Último acesso: setembro de 2016.

Ver a si mesmo ou o mirar por dentro permite notar as possibilidades que existem de ser, à semelhança de um cavalo que quer ir, que quer seguir caminho, um outro rumo, mas também de dar-se conta dos limites dados pelas leis do bem viver comum. Este olhar para si mesmo faz que aquilo que é anunciado como verdadeiro seja tomado com desconfiança, na medida que ele não conseguiria dissipar a dúvida, ou seja, não traria a tranquilidade da certeza. O cavalo bravo dentro de nós indica outros rumos, outros sentidos. O mirar-se permite ser eu mesmo, o eu de todo mundo desigual, singular portanto.

É o que se intui da poesia “*Poema com absorvências no totalmente perplexas de Guimarães Rosa*”.

Ah, pois, no conforme miro e vejo,
o por dentro de mim,
segundo o consentir
dos desarrazoados meus pensares,
é o brabo cavalo em as ventas arfando, se querendo ir,
permanecido apenas no ajuste das leis do bem viver comum,
por causa de uma total garantia se faltando em quem m’as dê.
Ad’formas que em tréguas assisto e assino
e o todo exterior desta minha pessoa recomponho.
Porém chega o só sinal mais leve
de que aquilo ou isso é verdadeiro
pra a reta eu alimpar com o meu brabo cavalo.
Ara! Que eu não nasci pra permanência desta duvidação,
mas só para o ser eu mesmo, o de todo mundo desigual,
afirmador e consequente, Riobaldo, o Tatarana.
Ixi! (PRADO, 2012, p. 23)

A disponibilidade para o cotidiano, posicionar-se no mundo de modo curioso, para admirá-lo convoca o exercício de imaginar, de rememorar, de dar novo significado, como o indica o poema *Despropósito*. Olhar o teto remete a um doce, que lembra a infância, o galo cantando, a vaca, a terra arada pelo trator, a água, o modo como se viveu.

Olhou para o teto, a telha parecia um quadrado doce.
Ah! – falou sem se dar conta de que descobria, durando desde
a infância, aquela hora do dia, mais um galo cantando,
um corte de trator, as três camadas de terra,
a ocre, a marrom, a roxeada. Um pasto,
não tinha certeza se uma vaca
e o sarilho da cisterna desembestado, a lata
batendo no fundo com estrondo.
Quando insistiram, vem jantar, que esfria,
ele foi e disse antes de comer:
‘Qualidade de telha é essa de antigamente’. (PRADO, 2012, p. 37)

O poema *Janela* também aponta para esta “miração” do cotidiano como o que ilumina a alma, que permite olhar a si mesmo, que favorece o exercício da imaginação.

Janela, palavra linda.

Janela é o bater das asas da borboleta amarela.

Abre pra fora as duas folhas de madeira à toa pintada,
janela jeca, de azul.

Eu pulo você pra dentro e pra fora, monto a cavalo em você,
meu pé esbarra no chão.

Janela sobre o mundo aberta, por onde vi
o casamento da Anita esperando neném, a mãe
do Pedro Cisterna urinando na chuva, por onde vi
meu bem chegar de bicicleta e dizer a meu pai:
minhas intenções com sua filha são as melhores possíveis.

Ô janela com tramela, brincadeira de ladrão,
claraboia na minha alma,

olho no meu coração. (PRADO, 2012, p. 105)

O retorno às coisas mesmas que a fenomenologia recomenda, o envolvimento com o mundo das nossas vivências; a “miração” do cotidiano, como diz Adélia Prado, nos coloca diante da possibilidade da experiência da epifania. No poema que segue, a poetisa parece sugerir que esta revelação, que permite retomar significativamente o passado, ponderar sobre o presente, pode se dar nos lugares e momentos inesperados: no quarto numa conversa com a tia⁹. Ali o tempo se mostra. Curiosamente, o mesmo cotidiano que se apresenta como possibilidade de espanto, de epifania de sentido, é também o lugar onde a experiência da revelação pode ser interrompida¹⁰. Como diz a poeta é o lugar onde gerúndio se recolhe quando gritam “o café está pronto”. Embora a poeta indique uma interrupção da experiência existencial de imaginar o mundo, de admirar o instante, de significar uma vez mais o que se viveu, não parece que queira indicar distanciamento, especialmente, quando a epifania remete ao que se viveu ou vive. A interrupção da revelação abre-se como oportunidade para recomeçar a existir. Esta experiência de ser tomado pela novidade do sentido; a experiência de ser abalroado pelas demandas do mesmo cotidiano acontece de repente, assim indica o poema *Epifania*¹¹.

A insistência fenomenológica de admiração do mundo; a devoção de Adélia Prado à “miração” do cotidiano se justifica pela possibilidade de ampliação do

⁹ Cf. LAUAND, Luiz Jean, DOURADO, Wesley A. M. “Deuses no fogão” – o corpo na visão de mundo de Adélia Prado. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit13/55-78JeanWesley.pdf>. Último acesso: setembro de 2016. O tratamento que Heidegger dá a afirmação de Heráclito de que mesmo aqui, ou melhor, aqui mesmo, ao lado do fogão, os deuses estão (p. 59 a 62), num elogio ao cotidiano, é o mesmo que se encontra na obra de Adélia Prado, tal como este poema o indica.

¹⁰ Seguramente aqui temos clara relação com as ideias de Josef Pieper quando trata da tensão entre o mundo cotidiano do trabalho, marcado pela necessidade, pela utilidade e a reivindicação filosófica da liberdade, do ultrapassamento deste mundo, posto que inconclusa a experiência de ser gente. Cf. PIEPER, Josef. *Que é Filosofar?* São Paulo: Loyola, 2007.

¹¹ O poema *Epifania* foi publicado, também, no Suplemento Literário de Minas Gerais, disponível em: <http://150.164.100.248/WebSupLit/exbGer/exbSup.asp?Cod=19092506198406>. Último acesso: setembro de 2016.

sentido, de reinvenção do significado da existência ou, como diz Pieper, da liberdade que sustenta o exercício teórico pleno de ver o mundo como criação; liberdade que não nega, não foge do necessário, do que é requerido para a sobrevivência, mas recusa reduzir a isto o modo de ser dos seres humanos. A filosofia que, igualmente, reivindica a liberdade como condição do seu existir, “funda-se na crença de que a riqueza autêntica do homem não se encontra na satisfação das necessidades, nem em “que nos tornemos senhores e proprietários da natureza”, mas em sermos capazes de ver o que é – a totalidade daquilo que é.” (PIEPER, 2007, p. 21)

O poema *Chorinho doce* permite compreender este sentido que se renova, que se amplia neste permanente flertar com o mundo e os outros corpos. Não revivemos a casa, o jardim, mas inventamos uma nova vida com as lembranças da casa ou na casa que outrora vivemos. Reviver, tal e qual, como diz o poema é “tudo impossível”, “tudo de tempo e vento”.

Eu já tive e perdi
uma casa,
um jardim,
uma soleira,
uma porta,
um caixão de janela com um perfil.
Eu sabia uma modinha e não sei mais.
Quando a vida dá folga, pego a querer
a soleira,
o portal,
o jardim mais a casa,
o caixão de janela e aquele rosto de banda.
Tudo impossível,
tudo de outro dono,
tudo de tempo e vento.
Então me dá choro, horas e horas,
o coração amolecido como um figo na calda. (PRADO, 2012, p. 107)

O poema *Cartonagem* é outro que sustenta a riqueza desta disponibilidade para o cotidiano. Uma tesoura, um papel, uma brincadeira e a gente vive um novo susto. A simplicidade do instante nos toma de fascínio. Poderíamos viver sem ele, parece perguntar a poeta, mas a vida, no susto, se confirma como mistério, por isto mesmo como aquela possibilidade de reinvenção dos modos de ser, de alargamento do sentido, como a condição do filósofo que segue a caminhada, posto que ainda não sabe.

A prima hábil, com tesoura e papel, pariu a mágica:
emendadas, brincando de roda, ‘as neguinhas da Guiné’
Minha alma, do sortilégio do brinquedo, garimpou:
eu podia viver sem nenhum susto.
A vida se confirmava em seu mistério. (PRADO, 2012, p. 113)

Como já se indicou o segundo livro de poesias de Adélia Prado se chama **O coração disparado** publicado em 1978. Nele também se encontram poemas onde o espanto e a admiração diante do cotidiano se apresentam.

O primeiro a ser mencionado é o poema denominado *Bulha*. O elemento que aponta para os deslocamentos, para as ponderações que a “miração” do cotidiano nos permite viver está posto numa pergunta que chama a atenção para a alegria que algo nos oferece quando tem sentido para o nosso viver. Curioso neste poema são as duas referências à morte como algo que convida a manter a interrupção do sono e seguir olhando as crianças. Mais do que isto, o dormir, no que se assemelha a aparência da morte, é evidência de que o sentido, a alegria, o espanto, a admiração é próprio do viver, de quem está disponível para se alegrar com babado em vestido. Diz a poeta:

Às vezes levanto de madrugada, com sede,
flocos de sonho pegados na minha roupa,
vou olhar os meninos nas suas camas.
O que nestas horas mais sei é: morre-se.
Incomoda-me não ter inventado este dizer lindíssimo:
“ao amiudar dos galos”. Os meninos rressonam.
Com nitidez perfeita, os fragmentos:
as mãos do morto cruzadas, a pequena ferida no dorso.
A menina que durante o dia desejou um vestido
está dormindo esquecida e isto é triste demais
porque ela falou comigo: “Acho que fica melhor com babado”
e rriu meio sorriso, embaraçada por tamanha alegria.
Como é possível que a nós, mortais, se aumente o brilho nos olhos
porque o vestido é azul e tem um laço?
Eu bebo a água e é uma água amarga
e acho o sexo frágil, mesmo o sexo do homem. (PRADO, 1978, p. 39)

Outro poema que parece apontar na direção da admiração, desta disponibilidade para contemplar o mundo é denominado *Hora do ângelus*. Especificamente chama a atenção a sugestão de que a admiração do mundo requer paciência: há alguma coisa no mundo que obriga o mundo a esperar. Sem a paciência as belezas do viver ficam opacas e, sem a possibilidade de ver a beleza no inseto, na areia não se consegue resistir a lida de todo dia. Sem aquela disponibilidade para ver o mundo como criação, de que fala Pieper (2007, p. 21) não será possível resistir a pretensão de totalidade do mundo do trabalho (p. 14)

A poesia é pura compaixão.
Até grávida posso ficar,
se lhe aprouver um filho apelidado Francisco.
Tem mesmo alguma coisa no mundo
que obriga o mundo a esperar.
O carroceiro pragueja: “ô deus,

a minha lida é mais dura
que a lida de um retireiro”.
Sem paciência, a beleza turva-se,
esta que sobre as tardes se inclina
e faz defensáveis
areias, ervas, insetos,
este homem que jamais disse a palavra crepúsculo.
(PRADO, 1978, p. 43)

No poema *Regional* (p. 44), bem como, no poema *Campo Santo*¹² (p. 48) a admiração diante das coisas simples também se apresenta. No primeiro poema uma louvação é feita a deus por conta da flor da maria-preta que tem um odor que atrai as formigas e instiga o pensar; a situação política do país é sentida como um enjoo estomacal; e a afirmação de que crendo viver-se-á para sempre provoca o espanto: como esta experiência de finitude que temos pode entender uma vida que é para sempre? No segundo, que se refere a um cemitério, novamente reaparece a ideia de que o sentido, o sentir o mundo é uma experiência para os que estão vivos e disponíveis para o mundo. Os que estão no campo santo “dormem sem sobressaltos”. Por isto mesmo se considera bom caminhar pelo cemitério. Lá, diz a poeta, “a vida perde a estridência”; o ruído das exigências da necessidade perde sua força. A admiração do campo santo faz reaparecer outras dimensões do viver: pegar na mão do meu bem e ir na casa da tia Zica ver se o Tiantônio melhorou. (p. 48-49) Esta compreensão de que a convivência com a morte alimenta o viver, talvez justifique a afirmação de que “a vida e a morte são uma coisa só” (p. 48). Seguramente, esta percepção guarda convergência com as afirmações de Pieper, quando defende que a proximidade da morte é uma das forças que podem gerar o profundo abalo existencial que, permitindo-nos reconhecer, novamente, como inacabados, inconclusos, nos liberta do mundo cotidiano do trabalho (2007, p. 12) ou, como diz Adélia Prado, é a possibilidade de nos reinventarmos para viver: “Ressurgiremos. Por isso o campo santo é estrelado de cruzeiros” (PRADO, 1978, p. 49).

A mesma ideia reaparece no poema *Bairro*. O cotidiano, o samba-canção, a morte, a geladeira, o crucifixo, o cordão de ouro permite que se torne íntimo, simples. (PRADO, 1978, p. 56)

Novamente, a admiração do mundo toma como certo que não apreendemos o mundo todo no nosso pensamento, no discurso que fazemos do mundo. A “miração” do mundo reconhece o sentido que sustenta as ações humanas que, abalado como defende o filósofo, nos recoloca na possibilidade de reinventar. Diz sobre isto a poetisa no poema *Porfia*.

Inventou-se o ferro de brasa
por causa da Vida Eterna.
Senão, pra que vincar terno,
se todo fim é madeira carcomida,

¹² Esta poesia foi publicada no Suplemento Literário de Minas Gerais. Foto desta publicação está disponível em: <http://150.164.100.248/WebSupLit/exbGer/exbSup.asp?Cod=13059302197812>. Último acesso: setembro de 2016.

ossos tão limpos que dispensam nojo?
Pela mesma razão,
os metafísicos armam seus solilóquios,
os governantes bons governam com justiça,
o meu decote é fundo.
O moço formoso,
meu desejo dele não morre,
está inscrito nas unhas,
cresce com sua raiz.
A mulher pode vinte orgasmos?
De tão tolo esmero não cuido.
Quero amor, o fino amor.
Só suporte sete dores.
Mais uma fico distraída, tocando meu violão.
Cemitério é campo santo, por isso tanto me atraí,
depois de repugnar.
Nem que insistam, olha onde esteve seu pai:
uma lasca de tábuas podre,
tiras de pano e poeira.
Transpôs, eu digo,
este silêncio é engano, é pura expectativa,
é o que mesmo sem guisos é esperança.
Eu sei do enterro, do lapso, da autópsia,
conheço o afogado, o cepo, a assinatura falsa.
Mas por que achais que os pêndulos oscilam?
Depois do fétero, o relógio bate,
Alguém faz café, todos bebem.
O menino cegou, a mãe ficou louca um dia,
dois dias boba ficou,
aos três folheia no alpendre uma revista de modas,
quer um vestido fresquinho
para espantar o calor.
Quisera lamuriar-me, erguer meus braços tentada
a pecar contra o Santo Espírito.
Mas vida não deixa. E o discurso
acaba cheio de alegria. (PRADO, 1978, p. 67-69)

A poesia *Paixão* contém o trecho que Affonso Romano menciona logo após dizer que a poesia de Adélia Prado tem o cotidiano: família, marido, filhos etc. É nesta poesia que aparece a expressão “me apaixono todos os dias” seguida da afirmação que

sem os trevos do jardim o que se escreveu talvez não houvesse. É isto que explica ficar “no alpendre olhando a rua” (p. 75) para alimentar esta disponibilidade de contemplar o cotidiano e transcender na direção dele mesmo. Esta “miração” é a possibilidade de que a vida não seja apenas quaresma, de aprender a suportar um jeito de viver que se impõe. Para a ele não sucumbir, para não sofrer da tristeza de olhar pedra e ver pedra mesmo, para não viver a feiura de um mundo cheio de departamentos se permanece no alpendre, olhando a rua, vigiando o céu. (p. 75)

O poema *Bitolas*¹³ também aponta para a experiência de contemplação. Nesta poesia Adélia Prado apresenta aquela mesma vinculação do corpo com o mundo, dita intencionalidade, de que fala a fenomenologia. A poetisa afirma que se é estrangeiro, em comparação com outro ser humano, quando não se conhece a sua terra. (p. 81) Deste modo a “miração” do nosso lugar nos coloca na construção do nosso “ethos próprio”. Por isto se afirma: “Não quero saber do mar. No fundo da mina, em minas, também trem frestas de luz”. (p. 82)

Como se está indicado a experiência do espanto, a disposição para a admiração não aponta ou procura o que nunca foi visto, o que nunca foi contemplado. O poeta e o filósofo se voltam para as coisas ordinárias do seu mundo, como diz a poetisa no poema *Sesta*, na parte inicial.

O poeta tem um chapéu,
um cinto de couro,
uma camisa de malha.
O poeta é um homem comum. (PRADO, 1978, p. 86)

A poesia, a salvação e a vida é mais um poema que mostra o envolvimento da poeta com o cotidiano e como dele retira a inspiração para pensar diferentes temas e problemas. Qual a relação da calça azul do seu Raul com a crucificação de Cristo? A resposta pode ser intuída do que vem na sequência do poema: “Eu não sei o que é, mas sei que existe um grão de salvação escondido nas coisas deste mundo.” (p. 92) Por isto, dirá a poeta “A calça azul de seu Raul, pra mim, faz parte da Bíblia.” (p. 92)

Em outra poesia de mesmo nome diferenciada apenas pelo “II” Adélia Prado reafirma que vivemos do cotidiano, do sentido que ele tem para nós. Todavia, reaparece a paciência, aquela que faz ficar no alpendre, sem a qual a admiração se ausenta e o cotidiano se esvazia de sentido.

Eu vivo sob um poder
que às vezes está no sonho,
no som de certas palavras agrupadas,
em coisas que dentro de mim
refulgem com ouro:
a bacinha de lata onde meu pai
fazia espuma com o pincel de barba.
De tudo uma veste teço e me cubro.

¹³ Este poema também foi publicado no Suplemento Literário de Minas Gerais em 29 de julho de 1978. A foto do suplemento está disponível em: <http://150.164.100.248/WebSupLit/exbGer/exbSup.asp?Cod=13061707197801>. Último acesso: setembro de 2016.

Mas, se esqueço a paciência,
me escapam o céu
e a margarida do campo. (PRADO, 1978, p. 93)

Se a admiração, o espanto, o enamorar-se do simples, do cotidiano se verifica já nas primeiras obras de Adélia Prado, tal como se indicou acima, ele segue presente em toda a obra da poeta como se pode demonstrar quando abrimos o seu último livro de poesia **Miserere**. Diga-se que não apenas o tema que foi selecionado nesta reflexão para mostrar o cotidiano na obra da poeta, mas todos os outros tantos temas que a “miração” do cotidiano permiti intuir, meditar, escrever, poetar, filosofar.

De algum modo, talvez pouco evidente, o poema *Avós* aponta para aquilo que justifica olhar o cotidiano, voltar às coisas, ao mundo das nossas vivências, para usar os termos familiares à fenomenologia. O viver é mistério, mesmo para o velho e o que se vive não se perde, posto que incorpora, constitui o modo como vamos organizando o viver.

Minha mão tem manchas,
pintas marrons como ovinhos de codorna.
Crianças acham engraçado
e exibem as suas com alegria,
na certeza – que também já tive –
de que seguirão imunes.
Aproveito e para meu descanso
armo com elas um pequeno circo.
Não temos proteção para o que foi vivido,
insônias, esperas de trem, de notícias,
pessoas que se atrasaram sem aviso,
desgosto pela comida esfriando na mesa posta.
Contra todo artifício, nosso olhar nos revela.
Não perturbe inocentes, pois não há perdas
e, tal qual o novo,
o velho também é mistério. (PRADO, 2013, p. 31)

Aquela incapacidade de dizer o mundo de modo pleno a que se refere a fenomenologia, que justifica que se volte ao mundo; aquela palavra, a que se refere a poetisa, como sendo disfarce para coisa mais grave, o que justifica que sigamos nos apaixonando pelo mundo todos os dias, reaparece no poema *A que não existe*, especialmente quando sugere que a linguagem nos apresenta o viver e a eternidade em fatias, em postas, portanto, em partes, indicando que mistérios repousam no cotidiano. Por isto, sugere a poeta, supomos que as coisas findam, que temos definido o mundo, o viver, os sentidos, a vida.

Meus pais morreram,
Posso conferir na lápide,

Nome, data e a inscrição: SAUDADES!
Não me consolo dizendo
‘em minha lembrança permanecem vivos’,
é pouco, é fraco, frustrante como o cometa
que ninguém viu passar.
De qualquer língua, a elementar gramática
declina e conjuga o tempo,
nos serve a vida em fatias,
a eternidade em postas.
Daí acharmos que se findam as coisas,
os espessos cabelos, os quase verdes olhos.
O que chamamos morte
é máscara do que não há.
Pois apenas repousa
o que não pulsa mais. (PRADO, 2013, p. 37)

No poema *Rapto*, mais uma vez, se apresenta a admiração e o espanto do/com o cotidiano: um monte de sacos plásticos, um bando de passarinhos e o que não vemos percorre o corpo. É na grama onde estão as cabras que somos raptados. Seguramente, o poema se refere à experiência da morte, mas como já indicamos, a poeta vê na morte uma evocação da vida. Não temer a contemplação da condição de finitude dos homens e mulheres nos coloca nesta experiência de ser sequestrado e levado para um outro lugar, para um outro jeito de viver.

À hora em que nada parece estar errado,
nem os monturos com seus sacos plásticos,
o invisível te arrepia os pelos.
Uma vez, num bando de passarinhos
disputando sementes.
Hoje, na grama baixa onde cabras pastavam.
Quando a máxima atenção te deixa distraído,
o sequestrador te pega
e diferente daqui
conhecerás o lugar
onde quem desperta repousa. (PRADO, 2013, p. 71)

02. O cotidiano educacional

Sou professor na rede pública municipal. Na primeira quinzena de setembro de 2016, em uma reunião alguns pais se queixavam da ausência de um docente, sob a alegação de que isto prejudicaria a preparação de seus filhos para os processos seletivos. Lembrei-me o quão longe esta preocupação se encontra daquela tarefa que Pieper indica ser da Universidade, mas que talvez também se aplique às demais

instituições de ensino: pensar o todo, o universo da realidade ou, para dizer de outro modo, ser capaz de pensar a totalidade desde as coisas pequenas do viver¹⁴.

Todavia, este tem sido o elemento norteador das práticas escolares: preparar crianças e adolescentes para o mundo do trabalho e para os processos seletivos de qualquer natureza e finalidade. Isto acaba por reger o que importará nos processos escolares, aquilo que as crianças precisarão aprender, o que precisa ser avaliado entre outros aspectos. Eis que o mundo cotidiano do trabalho, de que fala Pieper, embarafusta-se também dentro das práticas escolares reduzindo a experiência de ensinar e aprender ao que é útil.

Se temos acordo com as ideias deste filósofo que apenas um profundo abalo existencial pode nos ajudar a transcender este cotidiano do mundo do trabalho; se aceitamos as afirmações da fenomenologia que nunca apreenderemos o mundo plenamente no pensamento, razão pela qual a ele precisamos voltar para transcender na direção do mundo; se acompanhamos a perspectiva de Adélia Prado de que é necessário ficar no alpendre para olhar a rua, passear pelo campo santo para se animar a pegar na mão de quem se ama e ir ver se o tio melhorou, postar-se à janela para iluminar a alma, eis que cabe perguntar se a prática escolar não está carente desta disposição para ver o mundo, da coragem de “mirar” as coisas ordinárias, de reconhecer que nem tudo está sabido, de que o nos sustenta é o sentido que damos ao nosso viver, do que nem mesmo os conhecimentos escapam.

Sabidamente diz Adélia Prado que “explicação é para o corpo do morto” (2012, p.25). O que precisamos é antes daquele envolvimento com o mundo e com os outros corpos, com aquela possibilidade de significar novamente o nosso rumo, dar outros sentidos para a nossa vida neste lugar. A explicação é aquele momento segundo quando nós voltamos para os nossos sustos e os transformamos em um jeito de caminhar. Mas é preciso que isto não mate o sentido, não despreze o susto, não ignore o mundo que permanece disponível para a nossa admiração. A explicação sem sentido existencial é para morto. Ou, para retomar Pieper, Deus não admira, posto que tudo sabe.

No poema *O que a musa eterna canta*, Adélia Prado, nos ajuda a intuir que a intelectualidade, que o aprendizado das letras está em servir para responder as demandas do viver que não se reduzem ao trabalho.

Cesse de uma vez meu vão desejo,
de que o poema sirva a todas as fomes.
Um jogador de futebol chegou mesmo a declarar:
‘Tenho birra de que me chamem de intelectual,
sou um homem como todos os outros’.
Ah, que sabedoria, como todos os outros,
a quem bastou descobrir:
letras eu quero é pra pedir emprego,
agradecer favores,
escrever meu nome completo.
O mais são as maltraçadas linhas. (PRADO, 2012, p. 25)

¹⁴ PIEPER, Josef. Abertura para o Todo: a Chance da Universidade. Disponível em: <http://www.hottopos.com.br/mirand9/abertu.htm>. Último acesso: setembro de 2016.

Este cotidiano da escola, reduzido à necessidade (pedir emprego, escrever nome completo) tem ignorado sistematicamente que o conhecimento também está aí para agradecer favores, para que convivamos e ampliemos o nosso jeito próprio de viver.

Esta expectativa da comunidade de que a escola prepare para o que é útil, se reitera, ainda dentro da prática escolar, nas decisões didáticas dos docentes que com frequência regem e justificam as suas ações pelos conteúdos do Enem, das provas dos vestibulares daquelas instituições e/ou processos seletivos que julgam de “qualidade”. A expectativa da comunidade encontra algum eco nas práticas docentes e na organização escolar. Por esta razão não se deve concluir que nas práticas docentes residem o fator explicativo deste cotidiano escolar carente de admiração. A referida expectativa da comunidade também é alimentada dentro da estrutura da escolar quando o cumprimento do currículo, do que foi anunciado no planejamento são, a todo instantes, invocados para medir o rendimento do trabalho docente e do próprio discente.

São raros os momentos e encaminhamentos que conseguem escapar disto e abrir espaço para as conexões com a vida, com a interpretação do instante, com a problematização das decisões éticas, políticas e ideológicas. Mesmo assim, é preciso estratégia, inteligência para dar a isto aparência do mesmo, justificar o procedimento, as escolhas didáticas como suporte para a apresentação deste ou daquele conteúdo, enquanto o que de fato se persegue é colocar em outra perspectiva a experiência de ensinar e aprender.

A própria formação para a docência pouco avança na direção de cultivar a admiração do mundo. Na universidade também há um currículo, há saberes previamente dados como indispensáveis para a prática docente e entre eles não se encontra o convite para romper com o habitual, para olhar com outra disposição o lugar onde vivemos, de tratar os conhecimentos em estreita convergência com as perguntas do nosso cotidiano. Qual o lugar da arte, da poesia, da cultura e da filosofia na formação para a docência? E quando estão presentes seriam autênticas ou, como diz Pieper, pseudofilosofia (2007, p.13 -14) – ao que acrescento pseudoarte, pseudopoesia, pseudocultura –, posto que não possuem transcendência, não ultrapassam o mundo do cotidiano do trabalho?

Ao que tudo indica, desde a formação para a docência, no interior das Universidades, há um sistemático distanciamento do cotidiano, um sufocamento curricular que constringe as possibilidades de transcendência na direção do mundo. Parece que na universidade se forma para um jeito de ser docente que olha pedra e vê pedra mesmo. Há uma sistemática indisponibilidade para a admiração do mundo.

Se estas intuições não estão equivocadas eis que estamos diante do desafio de entender novamente a implicação do que seja a universidade, como diz Pieper, de compreender que a admiração, princípio do filosofar, convida a “olhar para a totalidade do mundo.” (2007, p. 36); reconhecer que a compreensão do corpo está na própria vivência do corpo, como defenderá Merleau-Ponty, pelo que é preciso acompanhar os corpos em sua “dança” no palco do mundo; compreender com ousadia que ao olhar o teto, a vaca, o pasto, a criança, a calça azul do seu Raul, o cemitério, a lápide estamos diante da possibilidade de pular para um outro lugar no mesmo mundo, o que requer a disponibilidade para o cotidiano, para o mundo, o outro: que nos apaixonemos todos os dias como diz Adélia Prado.

Não há ingenuidade de achar que se possa ou deva desprezar os saberes que já recolhemos para conversar com os que almejam a docência; que permitem vencer os processos de seleção: o que se deseja é reconhecer que esta formação e a prática que dela decorre sejam capazes de manter o seu compromisso com o mundo das nossas

vivências, de tê-lo como o solo que dá sentido aos saberes, mas igualmente, lugar de onde podemos intuir outros modos de viver e outros saberes que permitem outros sentidos para o viver, para o modo de ser docente, para a relação com os discentes e a escola.

Também não há novidade aqui. Quando Paulo Freire, ao tratar do respeito aos saberes dos educandos afirma que é necessário também “discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos” (1998, p. 33), propondo problematizar os saberes curriculares e a organização da escola desde a vivência própria dos discentes com a poluição, a violência, a experiência social como um todo (p. 34); quando trata da aceitação do novo, da nossa condição de inacabamento, entre tantos outros saberes que apontam para a vida, para os homens e mulheres, seguramente temos aqui posta uma compreensão da educação implicada com o tempo, o nosso lugar e povo.

Reapresentar o cotidiano como fonte da filosofia, da poesia e, igualmente, da experiência educativa; aceitar que a admiração que sustenta o ato poético e filosófico, mas que também faz mover a experiência educativa, nos coloca o desafio de imaginar outros mundos desde os mundos que veremos quando tivermos a coragem de abrir a janela novamente, de nos colocarmos na varanda para admirar, contemplar o mesmo, o ordinário. Ressuscitaremos quando olharmos novamente os prados.

Referências bibliográficas.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PIEPER, Josef. Que é Filosofar? São Paulo: Loyola, 2007

PRADO, Adélia. Bagagem. Rio de Janeiro: Record, 2012. (1976)

PRADO, Adélia. O coração disparado. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1978, 2ª edição.

PRADO, Adélia. Miserere. Rio de Janeiro: Record, 2013.

Recebido para publicação em 03-09-16; aceito em 05-10-16